ONOMATOPEIAS E EFEITOS SONOROS NÃO LITERAIS NA LEGENDAGEM PARA SURDOS E ENSURDECIDOS: UMA PESQUISA DE RECEPÇÃO

ONOMATOPOEIAS AND NON-LITERAL SOUND EFFECTS IN SUBTITLING FOR THE DEAF AND HARD OF HEARING: A RECEPTION RESEARCH

Manoela Cristina da Silva*

RESUMO

Neste artigo, relatamos os resultados de uma pesquisa de recepção cujo principal objetivo foi investigar a preferência de surdos e ensurdecidos quanto à utilização de onomatopeias e/ou descrições na tradução de efeitos sonoros, especialmente daqueles não encontrados no mundo real. Dezesseis voluntários assistiram a um curta-metragem legendado e responderam perguntas a respeito das estratégias tradutórias utilizadas. Concluímos que a estratégia preferida tanto por surdos quanto ensurdecidos foi a da associação de onomatopeias a descrições, uma vez que essa prática permitiria maior dramaticidade e imersão e contribuiria para ampliação de vocabulário e conhecimento da cultura ouvinte. Contudo, surdos preferiram o uso do presente simples para as descrições, enquanto ensurdecidos optaram pelo gerúndio. Por fim, ambos os grupos destacaram a importância do símbolo musical para a tradução de músicas.

Palavras-chave: acessibilidade midiática; tradução audiovisual acessível; legendagem para surdos e ensurdecidos; onomatopeias; efeitos sonoros não literais.

ABSTRACT

This article reports the results of a reception research whose main objective was to investigate the preference of deaf and hard of hearing people regarding the use of onomatopoeia and/or descriptions in the translation of sound effects, especially those not found in the real world. Sixteen volunteers watched a subtitled short film and answered questions about the translation strategies used. It was concluded that the preferred strategy for both deaf and hard of hearing people was the association of onomatopoeia to descriptions, since this practice would allow for greater drama and immersion and contribute to the expansion of vocabulary and knowledge of the hearing culture. However, deaf people preferred the use of the simple present tense for descriptions, while hard of hearing people opted for the gerund. Finally, both groups highlighted the importance of the musical symbol for the translation of songs.

Keywords: media accessibility; accessible audiovisual translation; subtitling for the deaf and hard of hearing; onomatopoeias; non-literal sound effects.

INTRODUÇÃO

A legenda para surdos e ensurdecidos (LSE) se constitui num texto escrito, geralmente apresentado na parte inferior da tela, que contém, além dos diálogos, elementos descritivos como: identificação do falante, trilha musical, efeitos sonoros e informações paralinguísticas.[1] Assim, em termos de legendas, a LSE é a melhor maneira de garantir o acesso de pessoas surdas e ensurdecidas a um produto audiovisual, pois, além da inclusão dessas informações extras, ela também respeita os demais parâmetros da legendagem (número de linhas, número de caracteres por linha, velocidade, segmentação, etc.), garantindo maior conforto de leitura para o espectador.

A complexidade e diversidade do universo sonoro de uma obra audiovisual tornam sua tradução uma tarefa árdua para os legendistas[2] da LSE. Como os materiais podem estar tanto em língua estrangeira quanto em português, a tradução dos diálogos pode envolver mudanças de natureza intralinguística ou interlinguística, enquanto o restante da banda sonora requer transformações de natureza intersemiótica, já que sons são transformados em palavras. Além disso, os parâmetros técnicos determinam o emprego de legendas de até duas linhas com cerca

* Professora Associada da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, Brasil. mcsilva@ufba.br <https://orcid.org/0000-0002-9613-6783>.

1 São relativas a elementos não verbais como: entonação, volume de voz, ritmo de fala, pausas, etc.

2 Tradicionalmente, "legendista" é aquele que faz a tradução, enquanto o "legendador" grava as legendas no vídeo. Contudo, essas funções são muitas vezes exercidas pelo mesmo profissional. Neste texto, optamos pelo uso de "legendista", uma vez que o termo enfatiza a tarefa tradutória.

http://dx.doi.org/10.1590/01031813v64120258674259

de, no máximo, 37 caracteres por linha.[3] Isso significa que não há espaço ou tempo hábil para a tradução de todos os elementos sonoros e que o tradutor terá que decidir quais deles deverão ser priorizados. Ademais, será preciso também escolher o modo como esses sons serão transformados em palavras para que o público-alvo da LSE possa melhor compreendê-los.

Desse modo, a tradução dos signos acústicos não verbais, especialmente dos efeitos sonoros, demanda estratégias criteriosas. A diversidade desses ruídos (trovões, buzinas, latidos, etc.), aliada à heterogeneidade do público-alvo, que algumas vezes pode não ter memória auditiva desses sons, vai requerer do legendista um cuidado especial no momento de sua tradução. Essa dificuldade torna-se ainda mais pronunciada, por exemplo, quando se faz necessário traduzir efeitos sonoros não literais, ou seja, aqueles que não correspondem a sons encontrados no mundo real e que, portanto, não são facilmente reconhecíveis através de descrições como "Telefone toca" ou "Porta bate". Ao contrário de um toque de celular ou da batida de uma porta, efeitos não literais não apresentam uma correspondência direta com as imagens que acompanham. O "plim, plim" que pode ser usado para representar o andar de um guarda-chuva num desenho de animação é um exemplo desse tipo de efeito.[4] Uma das saídas possíveis para a sua tradução é o uso de onomatopeias. Entretanto, como as onomatopeias são criadas a partir de convenções partilhadas pela cultura ouvinte e do sistema fonético-fonológico da língua portuguesa, essa pode ser uma estratégia contraproducente na LSE. Qual seria, então, o melhor recurso? Dever-se-ia dar preferência a descrições, como "Guarda-chuva anda"; a representações aproximadas dos sons, como "Plim! Plim!"; ou à associação de ambas as estratégias, como "[Guarda-chuva anda] Plim! Plim!"?

A recomendação de um uso criterioso de onomatopeias na LSE, presente em trabalhos como os textos de Nascimento (2016b; 2018), parece ter levado a um uso mais reticente desse recurso no Brasil. Contudo, mesmo que aparentemente o uso de descrições apresente menos senões que o de onomatopeias, especialmente no caso da tradução de sons do mundo real ("Bomba explode", "Cães latem", etc.), essa não é uma estratégia infalível. Além da problemática envolvendo os efeitos sonoros não literais, é preciso levar em conta que a tradução deve aliar precisão e clareza, ao mesmo tempo em que deve evitar verbos pouco comuns (coaxar, grasnar, balir etc.), mas transmitir o "colorido" especial de cada cena. Afinal, nenhum efeito sonoro presente numa produção audiovisual foi escolhido de maneira aleatória. Então, qual a melhor estratégia a ser adotada a fim de garantir a inteligibilidade das legendas e atender as necessidades e preferências do público primário da LSE? O que os surdos e ensurdecidos brasileiros pensam a esse respeito? O que nos dizem as pesquisas?

Historicamente, a maioria das pesquisas em LSE tem como foco questões como a velocidade e a segmentação. Somente a partir de 2010, o estudo da tradução da música e dos efeitos sonoros passou também a ser investigado (NEVES, 2010; NASCIMENTO, 2013, 2015, 2016a, 2016b, 2017, 2018; NASCIMENTO; TAGNIN, 2014; TSAOUSI, 2015, 2016, 2018; ARAÚJO; ASSIS, 2016; BUTTENDER, 2018; SAMPIERI, 2018; OLIVEIRA, L., 2018; OLIVEIRA, S., 2022; PERSCH, 2022). Contudo, apenas os trabalhos de Nascimento (2016b, 2018) investigam a utilização de onomatopeias na LSE e, mesmo nesse caso, os estudos conduzidos não foram pesquisas de recepção. Até o momento, portanto, não temos conhecimento de estudos nos quais o uso das onomatopeias tivesse sido submetido ao crivo do público-alvo da LSE para que o *input* fornecido por essas pessoas pudesse informar as escolhas dos tradutores da área. Além disso, também não temos conhecimento de nenhum estudo realizado com foco na tradução de efeitos sonoros não literais.

Este artigo, portanto, tem como objetivo relatar os resultados do estudo de recepção intitulado "Onomatopeias e Efeitos Sonoros Não Literais na Legendagem para Surdos e Ensurdecidos", pesquisa submetida a Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), protocolado na Plataforma Brasil sob o CAAE: 51088621.0.0000.8035. Este texto está dividido em quatro seções. Após esta introdução, discorremos sobre o desenho do estudo, incluindo informações como, por exemplo, o curta-metragem legendado e a metodologia utilizada. Em seguida, nos dedicamos à análise e discussão dos resultados. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

3 Esse número máximo pode ser maior para canais de streaming ou ainda menor na TV aberta. Vale ressaltar também que os caracteres não são apenas as letras, mas incluem números, sinais de pontuação e espaços entre palavras.

4 Nascimento (2013, 2017, 2018) e Nascimento e Tagnin (2014) utilizam a nomenclatura "sons ficcionais" para sons que não seriam produzidos no mundo real.

CC BY

1. O ESTUDO DE RECEPÇÃO

O estudo aqui relatado tem caráter exploratório e investigou a utilização de onomatopeias e a tradução de efeitos sonoros não literais na LSE, contando com o suporte teórico da Tradução Audiovisual Acessível, da Tradução Centrada no Usuário e da Teoria do Escopo de Vermeer. A pesquisa estendeu-se de maio de 2020 a dezembro de 2022 e foi dividida em quatro etapas: (a) recrutamento e capacitação da equipe executora, (b) legendagem do curta-metragem, (c) aplicação do teste de recepção e (d) análise dos resultados.

A equipe executora, constituída por integrantes do grupo de pesquisa Tradução e Acessibilidade (TrAce) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), foi composta pela coordenadora do grupo e quatro alunas de graduação.[5] Toda a equipe trabalhou de forma voluntária e, no caso das estudantes, como critério para seleção, foi exigido que as candidatas tivessem feito algum curso de extensão em LSE oferecido pelo TrAce ou tivessem cursado a disciplina "Tradução Audiovisual" e/ou a disciplina "Legendação e Legendagem". Após o recrutamento, a capacitação ocorreu através de revisão de literatura e do aprofundamento dos fundamentos da LSE e do manejo de programas gratuitos de legendagem. Todo esse processo foi realizado de maneira remota através de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), uma vez que o projeto foi desenvolvido em meio à pandemia da COVID-19.

O material legendado foi o curta-metragem *A Terra a Gastar*. As restrições de tempo e de pessoal, bem como os problemas logísticos gerados pela pandemia, tornaram a escolha de um longa-metragem inviável. Além disso, a utilização de um longa tornaria o teste de recepção muito cansativo. A produção nacional escolhida trazia o benefício de uma história com começo, meio e fim, contada em cinco minutos e 46 segundos, e sem as especificidades da tradução interlinguística.

A Terra a Gastar é uma animação de autoria de Cassia Itamoto e Celina Kurihara que gira em torno do consumo excessivo do ser humano e suas consequências para o meio ambiente. Ele foi selecionado para participar de vários festivais nacionais e internacionais, e recebeu diversos prêmios como: melhor animação do *14º Florianópolis Audiovisual Mercosul Festival* e melhor animação do *U.Frame - Festival de Vídeo Universitário* em Porto, Portugal.

A escolha do curta-metragem foi motivada por sua rica e complexa banda sonora. A produção não contém diálogos, fazendo com que o foco da legendagem esteja exclusivamente na tradução da música e dos efeitos sonoros. A ausência de diálogos, contudo, é contrabalanceada pela abundância e repetição incessante de diferentes tipos de ruídos, pela presença de uma trilha musical composta por uma paródia da cantiga popular brasileira *A Velha a Fiar* e por intervalos de música instrumental. A tradução da animação traz ainda o desafio de trechos nos quais a velocidade assume um ritmo quase frenético, resultante do acréscimo de palavras à letra da canção, à guisa do que ocorre na própria cantiga original.

Assim como na fase de recrutamento e capacitação, todo o processo de legendagem de *A Terra a Gastar* foi realizado remotamente e com auxílio de softwares gratuitos. Para tanto, foram utilizados o programa *Aegisub* para a criação e edição das legendas, o programa *HandBrake* para a queima[6] das legendas e o programa *Format Factory* para a inserção de uma marca d'água no vídeo finalizado.[7] Todas essas ferramentas têm um manejo simples e contam com uma interface intuitiva.

Após a finalização do processo de legendagem, a tradução elaborada pela equipe executora foi submetida a teste de recepção. O convite para participação na pesquisa foi veiculado através da Internet junto a redes sociais de grupos de usuários de legendas LSE, como o do movimento "Legenda Para Quem Não Ouve, Mas se Emociona", e contava com um link para um questionário *Google Forms*. O questionário foi desenhado para ser respondido em cerca de 30 minutos e estava dividido em quatro seções diferentes: (1) o TCLE; (2) perguntas sobre dados pessoais e preferências em relação à LSE; (3) o curta-metragem e questões sobre as legendas de *A Terra a Gastar*; (4) e perguntas sobre a legendagem de efeitos sonoros em geral. Cada seção só era liberada após a anterior ter sido respondida. Isso impedia o acesso às perguntas do teste sem que o TCLE tivesse sido respondido, bem como evitava que o curta-metragem fosse assistido antes do tempo. Como havia perguntas que poderiam ser

5 Além da autora deste artigo, integraram a equipe Amanda Hora da Silva, Andressa da Silva Queiroz, Cibele Almeida Cerqueira de Oliveira e Katherine Herdy Duailibi Zuanny.

6 Gravação da legenda na tela, já finalizada, e pronta para ser exibida.

7 Procedimento utilizado para desestimular cópias não autorizadas. A marca d'água era: "Material para pesquisa – Grupo TrAce".

CC BY

influenciadas pelas legendas criadas para a pesquisa, era preciso garantir que isso não ocorresse. Após a leitura do TCLE e anuência de participação na pesquisa, os voluntários assistiram ao curta-metragem e responderam às perguntas propostas.

Por fim, após o período de coleta via formulário Google, que contou com duas chamadas (de outubro a dezembro de 2021 e de janeiro a abril de 2022),[8] foi feito o download dos dados. Então, as respostas dos dezesseis voluntários foram analisadas pela equipe executora. O estudo, de caráter qualitativo, utilizou análise de frequência para as perguntas de múltipla escolha e análise de conteúdo para as perguntas abertas.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

2.1 Participantes

Foram convidados a participar do estudo adultos surdos e ensurdecidos usuários de legendas LSE com idade entre 18 e 65 anos que já tivessem completado o ensino fundamental e não tivessem nenhuma outra deficiência associada à surdez. Durante o período de coleta de dados, 24 questionários foram respondidos. No entanto, apenas 20 deles foram considerados válidos. Um dos quatro informantes excluídos do estudo respondeu todo o questionário, mas assinalou "Não" para a pergunta "Depois de ler o TCLE, você concorda em participar da pesquisa?". Os outros três demonstraram não ter familiaridade com a LSE e não saber muito bem sobre o que estavam sendo questionados. Eles acreditavam que a tradução apresentada "Não é uma legenda LSE", se mostraram surpresos "que eles legendam até barulhos" e criticaram as legendas porque as mesmas "não descrevem as imagens".

No caso do primeiro informante excluído, o problema pode ter ocorrido por falta de atenção ou pelo fato de o questionário ter sido aplicado em português sem tradução para Libras. Esse informante se identificava como uma pessoa surda, integrante da cultura surda, cuja primeira língua era Libras. Então, apesar de o mesmo ter indicado possuir um bom nível de leitura em português, não podemos descartar a possibilidade de que a ausência de sinalização para a pergunta sobre a anuência de participação no estudo pode ter sido a causa de algum mal-entendido. Ao endereçar o estudo a "usuários de legendas para surdos e ensurdecidos", tentamos atrair pessoas já habituadas a lidar com a leitura de uma língua oral para minimizar o problema. Contudo, compreendemos que teria sido mais adequado que o questionário contasse com uma versão em Libras. Esse era o plano inicial quando o projeto foi desenhado para ser realizado de forma presencial. No entanto, os intérpretes da UFBA se encontravam sobrecarregados devido às demandas da pandemia e não conseguimos outros voluntários dispostos a auxiliar a equipe executora.

Já com relação aos outros três informantes cujos questionários foram considerados inválidos, talvez o problema tenha ocorrido pelo uso do termo "legendas descritivas" como sinônimo de LSE tanto no convite para a participação no estudo quanto no TCLE: "Para poder participar você precisa ser usuário(a) de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE), também conhecidas como legendas descritivas...". Apesar de esse ser um termo utilizado em documentos legais e em sites sobre acessibilidade, essas pessoas podem ter confundido a LSE com algum outro tipo de recurso de acessibilidade, como a audiodescrição.

Dos vinte questionários considerados válidos, nove foram respondidos por voluntários que se identificaram como "Pessoa surda (Sou integrante da cultura surda e minha língua é a Libras)"; quatro por "Pessoa surda ou ensurdecida com implante coclear"; um por "Pessoa ensurdecida com deficiência auditiva moderada; um por "Pessoa ensurdecida com deficiência auditiva leve"; um por uma pessoa que não assinalou nenhuma das opções apresentadas; e quatro por pessoas que assinalaram a alternativa "Ouvinte".

Então, para efeitos de nosso estudo, agrupamos esses questionários em três categorias que foram analisadas separadamente: surdos (nove informantes), ensurdecidos (sete informantes) e ouvintes[9] (quatro informantes). Para tanto, utilizamos não só as respostas para essa pergunta inicial, como também para três outras questões. Uma

8 O estudo, que inicialmente seria presencial, passou a ser remoto. O uso de formulários Google para pesquisas não era muito comum antes da pandemia e a captação de voluntários naquele momento delicado não era tarefa fácil. Com a baixa adesão da primeira chamada, decidimos estender o período de coleta de dados.

9 Por não fazerem parte do perfil buscado, as respostas desse grupo não foram computadas junto às demais e não serão discutidas neste artigo.

CC BY

pergunta buscava identificar a primeira língua dos voluntários; se Libras, português, outra língua de sinais ou outra língua oral. A segunda tratava do modo pelo qual os voluntários se comunicavam; se através da Libras, do português oral, de ambos, da Libras e outra língua de sinais, da Libras e outra língua oral ou do português oral e outra língua de sinais. Por fim, a terceira procurava checar o nível de conhecimento em Libras dos informantes; se ótimo, bom, regular, ruim, péssimo ou se não sabiam a língua.

Foram considerados "surdos" aqueles que se identificassem como integrantes da cultura surda, tivessem como primeira língua a Libras e se comunicassem prioritariamente através dela, tendo um nível de proficiência entre bom e ótimo. Foram considerados "ensurdecidos" aqueles que se identificassem como pessoas com deficiência auditiva (leve, moderada, severa ou profunda) ou tivessem como primeira língua o português e se comunicassem prioritariamente através dessa língua oral, tendo, em geral, pouquíssimo ou nenhum conhecimento da Libras. Foram considerados "ouvintes" aqueles que se declarassem como tal, tivessem como primeira língua o português oral e se comunicassem prioritariamente através desse idioma, independentemente de seu nível de proficiência em Libras.[10]

Neste artigo, nos limitaremos a discorrer sobre os achados referentes às duas primeiras categorias (surdos e ensurdecidos), visto serem eles os principais usuários da LSE. Historicamente, a maioria dos estudos de recepção que conseguem atrair voluntários de perfis distintos opta por computar as respostas de surdos e ensurdecidos conjuntamente. Decidimos, no entanto, adotar uma perspectiva diferente. Embora não se possa criar uma legenda específica apenas para surdos ou apenas para ensurdecidos, acreditamos que um conhecimento mais profundo sobre as necessidades e preferências de cada grupo possa ser útil. Assim, a seguir, detalhamos o perfil de cada uma de nossas duas categorias de informantes.

2.1.1 Perfil dos participantes surdos

Dos nove participantes surdos, seis eram mulheres (≅ 67%) e três eram homens (≅ 33%). Essas pessoas estavam divididas em seis faixas etárias: (a) uma tinha entre 21 e 25 anos; (b) uma, entre 26 e 30 anos; (c) duas, entre 36 e 40 anos; (d) duas, entre 41 e 45 anos; (e) duas, entre 46 e 50 anos; (f) e uma, entre 51 e 60 anos. A maioria dos voluntários, portanto, se encontrava na faixa de 36 a 50 anos (≅ 67%).

Em geral, o grupo tinha um alto nível de escolaridade. No entanto, também era caracterizado por possuir extremos, sendo o único grupo a ter uma pessoa com doutorado e outra com apenas o ensino fundamental. Dos nove informantes, portanto, um contava com doutorado (≅ 11%), cinco com mestrado (≅ 56%), dois com ensino médio completo (≅ 22%) e um com ensino fundamental completo (≅ 11%).

Todos se identificavam como "Pessoa surda (Sou integrante da cultura surda e minha língua é a Libras)". Todos se comunicavam através da Libras, quer exclusivamente (≅ 56%), quer através da Libras e do português oral (≅ 33%) ou através da Libras e de outra língua de sinais (≅11%). O seu nível de proficiência em Libras girava entre ótimo (≅ 78%) e bom (≅ 22%), e seu nível de leitura em português entre ótimo (≅ 22%), bom (≅ 67%) e regular (≅11%).

Quando questionados quanto ao recurso de acessibilidade que mais gostavam, os voluntários demonstraram clara preferência pela interpretação. Cinco pessoas (≅ 56%) escolheram a janela de Libras[11]; três (≅ 33%), a janela de Libras e LSE; e uma (≅ 11%), a LSE. No entanto, a mesma pessoa que escolheu a LSE, o informante I20,[12] disse mais tarde, ao responder outra pergunta: "Eu gosto dos dois, LSE e janela de Libras".[13] Como era de se esperar para pessoas que têm a língua de sinais como primeira língua, portanto, a janela foi o recurso preferido. Esse resultado reforça a necessidade de educar o mercado para o fato de que um produto audiovisual só será

10 O nível de proficiência em Libras entre ouvintes varia muito. Intérpretes, familiares e amigos de pessoas surdas ou ensurdecidas podem ser bastante proficientes, enquanto o público em geral costuma ser quase leigo.

11 Utilizamos esse termo no questionário já que a Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS) é popularmente conhecida como "janela de Libras".

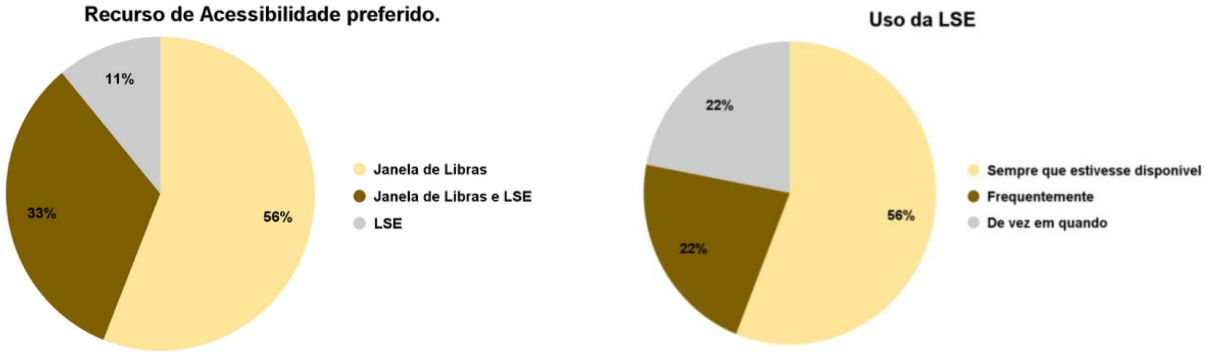
12 Para proteger a identidade dos voluntários, cada informante (I) recebeu um número de acordo com a ordem cronológica na qual os questionários foram respondidos. O grupo dos participantes surdos foi formado por I7, I8, I11, I12, I13, I17, I20, I23 e I24. Já o grupo dos ensurdecidos foi formado por I1, I5, I14, I15, I18, I21 e I22.

13 Quando necessário, editamos as respostas dos informantes, quer surdos ou ensurdecidos, para que respeitassem o padrão do português em quesitos como a ordem, a flexão verbal ou a concordância número pessoal entre sujeito e verbo, por exemplo. Contudo, optamos por manter o tom informal das respostas.

plenamente acessível para surdos e ensurdecidos se contar tanto com LSE quanto com janela de Libras. Muitas vezes, por razões de ordem econômica, a janela não é ofertada.

Mesmo preferindo a janela de Libras, esse grupo de voluntários demonstrou ter, em geral, uma alta frequência de uso da LSE. Cinco pessoas afirmaram utilizar o recurso sempre que ele estivesse disponível (≅ 56%), duas disseram recorrer à LSE frequentemente (≅ 22%) e duas apenas de vez em quando (≅ 22%). Nenhum informante assinalou a alternativa "Somente se não tenho a opção de janela de Libras". Contudo, como a oferta da janela é ainda escassa em produtos audiovisuais no Brasil, isso pode ter, indiretamente, elevado os índices de frequência da LSE nessa questão.

Gráficos 1 e 2. Preferência quanto ao recurso de acessibilidade e frequência de uso da LSE pelos participantes surdos



Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, quando questionados a respeito do que mudariam na LSE, a maioria dos informantes não teve contribuições espontâneas a respeito, deixando a pergunta em branco ou utilizando a questão para reforçar sua preferência pela Libras: "Não, acho as legendas LSE com um formato bem completo e de fácil entendimento, apesar de ter como preferência a janela de Libras." (I23); "Eu gostos dos dois, LSE e janela de Libras." (I20); "Através da janela é melhor." (I17).

Apenas dois informantes pontuaram algum tipo de alteração. Um deles foi um pouco vago, chamando a atenção para a necessidade de uma maior facilidade de leitura, mas sem explicar como: "Sim, quero uma qualidade de leitura boa" (I12). O outro mencionou questões visuais: "Precisa mudar cor e ampliar letras" (I7). No caso desse último voluntário, a resposta pode indicar tanto a vontade de garantir ao espectador autonomia para alterar cor e tamanho ao assistir a um programa, como o desejo de uma cor e tamanho diferentes como padrão para a legenda.[14] Essa era uma pessoa na faixa de 41 a 45 anos de idade, fase na qual é comum se apresentar presbiopia,[15] e isso pode ter motivado o desejo de uma cor diferente e letras maiores. Como os idosos são um grupo importante de usuários potenciais da LSE e há uma tendência de envelhecimento da população mundial, essa resposta aponta para o fato de que soluções tecnológicas precisam ser trabalhadas para garantir ao usuário a liberdade de poder alterar a legenda (tipo e tamanho da fonte, cor, contraste, etc.), conferindo a essas pessoas o maior nível de conforto possível.

2.1.2 Perfil dos participantes ensurdecidos

Dos sete participantes ensurdecidos, cinco eram mulheres (≅ 71%) e dois eram homens (≅ 29%). Essas pessoas estavam divididas em quatro faixas etárias: (a) duas tinham entre 18 e 20 anos; (b) duas, entre 36 e 40 anos; (c) uma, entre 41 e 45 anos; (d) e duas, entre 51 e 60 anos. Esse grupo, portanto, também contava com uma maior concentração de pessoas acima dos 36 anos de idade (≅ 71%). No entanto, assim como no grupo anterior, não houve participação de pessoas na faixa entre 61 e 65 anos e nos questionamos se o uso de TICs pode ter sido a causa para isso. Contudo, apesar desse perfil mais maduro, esse grupo de voluntários também contava com pessoas bastante jovens, numa faixa não contemplada no grupo dos surdos (18-20 anos).

14 A questão do uso de elementos visuais, como cores e contraste, por exemplo, para promover acessibilidade é objeto de estudo e pode ser conferida em diretrizes, como as *Web Content Acessibility Guidelines* – WCAG (W3C BRASIL, 2024), bem como em trabalhos científicos, como o de Kulpa (2009).

15 Popularmente conhecida como "vista cansada".

CC BY

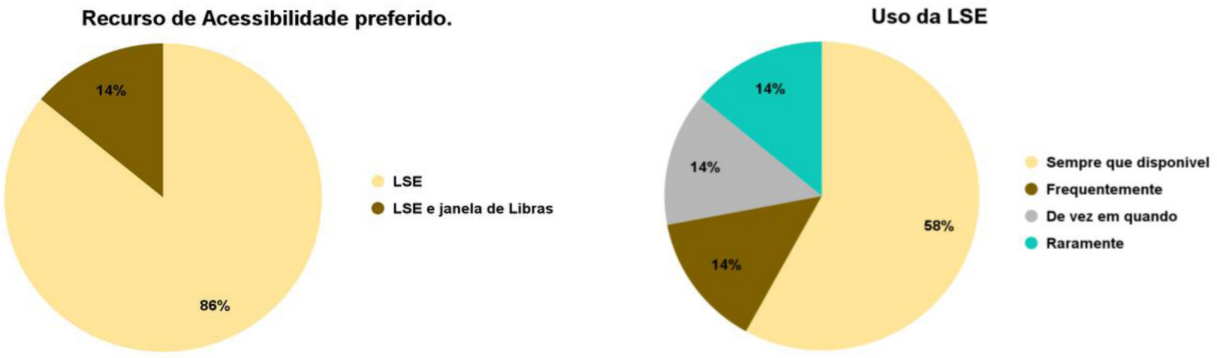
Em geral, esses voluntários tinham um nível de escolaridade também alto, mas com uma distribuição mais equitativa entre os níveis, apresentando, no mínimo, ensino médio completo. Dos sete informantes, um contava com mestrado (≅ 14%), um com especialização (≅ 14%), dois com ensino superior completo (≅ 29%), um com ensino superior incompleto (≅ 14%) e dois com ensino médio completo (≅ 29%).

Alguns se identificaram como pessoas com deficiência auditiva, outros como surdos ou ensurdecidos com implante coclear e um informante não selecionou nenhuma das alternativas fornecidas. Todos tinham o português oral como primeira língua e se comunicavam através desse idioma, quer exclusivamente (≅ 72%), quer através do português e da Libras (≅ 14%) ou através do português e outra língua de sinais (≅14%). O bilinguismo desses informantes (28%), no entanto, era inferior ao encontrado entre os surdos (≅ 44%). Seu nível de proficiência em Libras, em geral, não era bom. Os indivíduos bilíngues eram os únicos com conhecimento ótimo (≅ 28%), tendo o restante selecionado as alternativas "não sei" (≅ 57%) ou o nível "ruim" (≅ 15%). Já sua competência de leitura em português era mais alta que a dos surdos e estava entre ótima (≅ 72%) e boa (≅ 28%).

Quando questionados quanto ao recurso de acessibilidade que mais gostavam, os voluntários demonstraram clara preferência pela LSE. Seis pessoas (≅ 86%) escolheram a LSE; uma (≅ 14%), a LSE e a janela de Libras; e nenhuma, apenas a janela. O único informante a optar por ambos os recursos foi um dos indivíduos bilíngues. Como era de se esperar entre pessoas cuja primeira língua é o português, portanto, a LSE foi o recurso preferido por esse grupo. Um resultado como esse sinaliza que essa audiência pode merecer atenção especial por parte dos legendistas da LSE no futuro, especialmente a partir do momento no qual a oferta da janela de Libras se torne mais usual no país.

Com relação à frequência de uso da LSE, os níveis variaram entre os informantes. Houve usuários que a utilizam sempre que a mesma está disponível (≅ 58%), assim como aqueles que a usam frequentemente (≅ 14%), de vez em quando (≅ 14%) ou raramente (≅14%). Essa variação talvez possa ser explicada pelo grau de surdez de cada indivíduo, o que pode levá-los a sentir que não necessitam do apoio de legendas em todas as situações. O voluntário que optou pela alternativa "raramente", por exemplo, era uma pessoa com deficiência auditiva leve. Aqui também acreditamos ser importante chamar a atenção para a falsa crença de que pessoas com implante coclear, integrantes do grupo dos surdos que ouvem, não necessitam ou desejam legendas LSE. No caso do implantados, por exemplo, dois disseram que usam as legendas "sempre que disponível" (50%); outro "frequentemente" (25%) e o último "de vez em quando" (25%).[16]

Gráficos 3 e 4. Preferência quanto ao recurso de acessibilidade e frequência de uso da LSE pelos participantes ensurdecidos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, quando questionados a respeito do que mudariam na LSE, a maioria dos informantes não teve contribuições espontâneas a respeito, deixando a pergunta em branco ou respondendo "Não". Apenas duas respostas fugiram a esse padrão. Um dos informantes interpretou o trecho da pergunta no qual questionávamos se mudariam algo na "forma como as legendas LSE são feitas" como uma referência ao processo de legendagem e respondeu: "Não sei como são feitas." (I5). O outro mencionou uma questão legal: "Criar um órgão regulador para aprovar as legislações de acessibilidade na hora desses órgãos fomentarem suas entidades de audiovisuais" (I15).

16 O movimento "Legenda Para Quem Não Ouve, Mas se Emociona" criou um vídeo bastante elucidativo sobre essa questão intitulado "Se fez implante coclear, então não precisa de legenda?". Ele pode ser conferido no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=y7N444OmN3M. Acesso: 13 de mar de 2023.

Finda nossa apresentação do perfil do grupo dos surdos e do grupo dos ensurdecidos, relatamos a seguir as respostas ao teste de recepção.

2.2 Avaliação da Legendagem de *A Terra a Gastar*

A legendagem de *A Terra a Gastar* seguiu, em linhas gerais, os parâmetros e tipografia preconizados no *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* (NAVES; MAUCH; ALVES; ARAÚJO, 2016): máximo de duas linhas, limite de 37 caracteres por linha, legendas centralizadas na parte inferior da tela, cuidado especial com a segmentação,[17] velocidade máxima de 18 caracteres por segundo (CPS) e uso do itálico para legendar a música. Além disso, para garantir melhor visibilidade, decidimos usar tamanho 20 na fonte Arial, com borda e sombra pretas de espessura 2,5 e 2, respectivamente. Como queríamos destacar a legendagem dos ruídos, optamos pelo branco para os elementos verbais, nesse caso a letra da música, e o azul ciano para os elementos não verbais, ou seja, as informações paralinguísticas e os demais efeitos sonoros. No início do curta, por exemplo, linhas verticais verdes sofrem um corte ao som de uma motosserra e tombam no chão, simulando a derrubada do tronco de uma árvore. Em seguida, uma voz masculina começa a cantar a paródia da cantiga *A Velha a Fiar*. Tanto o som da motosserra quanto a menção à voz masculina aparecem nas legendas entre colchetes em ciano:

Imagens 1 e 2. Prints de tela da legenda do curta *A Terra a Gastar*.

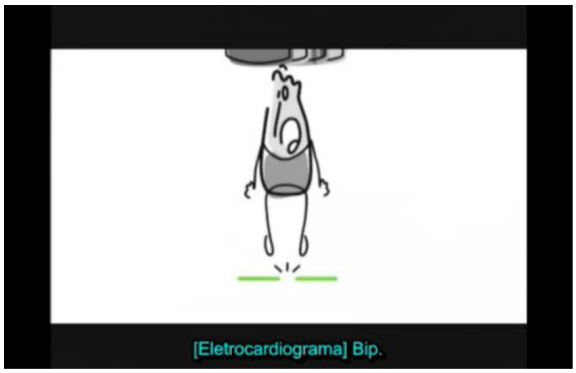
Fonte: Elaborado pelo Grupo de Pesquisa TrAce.

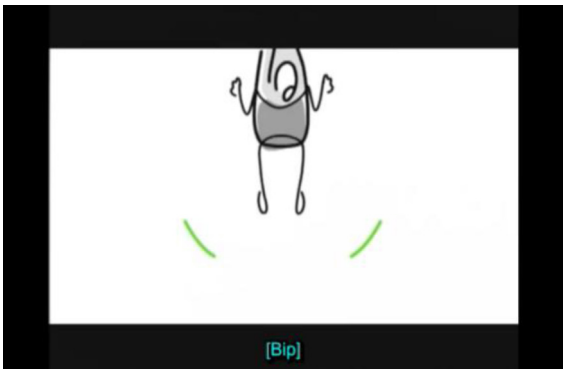
Ao longo do curta, demos preferência por associar descrições a onomatopeias quando sons não literais eram apresentados pela primeira vez. Entretanto, após essa introdução inicial, a descrição era suprimida em favor da representação aproximada do som. No momento no qual os bipes de um eletrocardiograma foram usados para marcar a lenta e desesperadora queda do personagem numa espécie de abismo, por exemplo, utilizamos como legenda inicial "[Eletrocardiograma] Bip". Em seguida, para poder dar conta da dramaticidade da cena e sincronizar o som do eletrocardiograma com a queda em *close-up* e em câmera lenta, seis outras legendas "[Bip]" foram seguidas por um último "[Biiiip]":

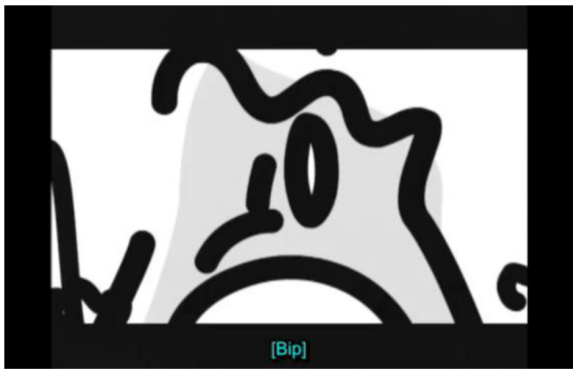
17 A segmentação se refere à forma como as falas são divididas em blocos. Ela acontece entre a quebra de linhas de uma mesma legenda e entre legendas diferentes. Ela é guiada por critérios visuais, retóricos e linguísticos e desempenha papel muito importante na LSE, visto que é fundamental para garantir maior conforto de leitura (VIEIRA; ASSIS; ARAÚJO, 2022).

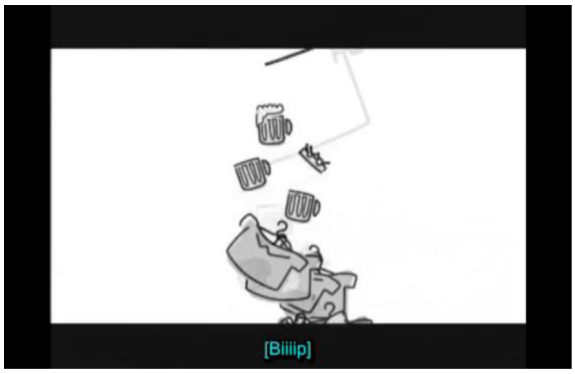
CC BY

Imagens 3, 4, 5 e 6. Prints de tela da legenda do curta *A Terra a Gastar*.





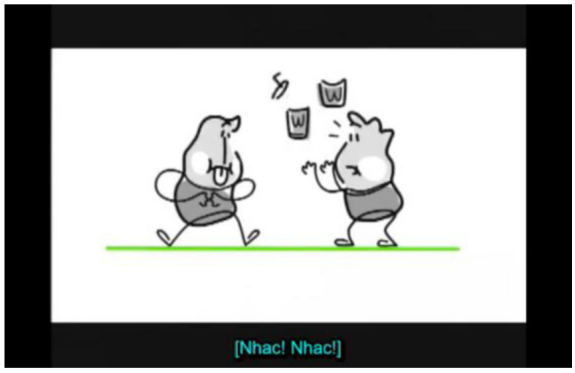




Fonte: Elaborado pelo Grupo de Pesquisa TrAce.

No caso dos sons do mundo real, utilizamos tanto descrições ([Árvore tombando]) como a associação de descrições e onomatopeias ([Mastiga] Nhac! Nhac!). Usamos as descrições para ocasiões como os créditos iniciais e finais e priorizamos as associações quando os efeitos sonoros estavam diretamente ligados à narrativa, já que os mesmos eram muito importantes para a estética do curta. No caso das associações, usamos a mesma lógica empregada para os sons não literais. Após uma introdução inicial, apenas a onomatopeia era mantida:

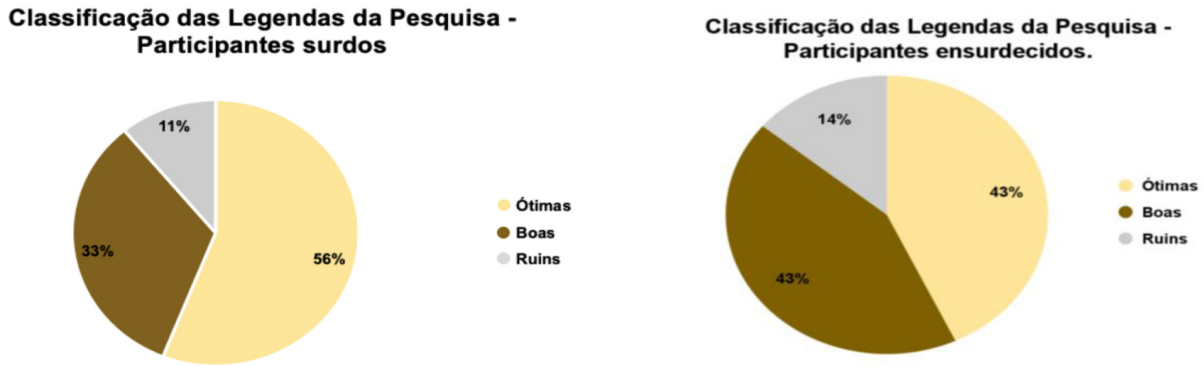
Imagens 7 e 8. Prints de tela da legenda do curta *A Terra a Gastar*.



Fonte: Elaborado pelo Grupo de Pesquisa TrAce.

Para a legendagem da música, seguimos as recomendações de Nascimento (2018), apresentando a canção ([Paródia da música "A Velha a Fiar"]), descrevendo diferentes trechos instrumentais ([Solo de baixo elétrico], [Percussão animada], etc.), indicando mudanças de ritmo ([Música acelera], [Música para], etc.) e marcando momentos de ausência completa de som ([Silêncio]). Outrossim, além do itálico recomendado pelo *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis*, usamos a colcheia (♪) para acompanhar a letra da música, sempre no início e no final de cada legenda.

Após assistirem ao curta-metragem, os informantes foram convidados a avaliar as legendas em "Ótimas", "Boas", "Regulares", "Ruins" ou "Péssimas". No caso dos surdos, a avaliação foi, em geral, bastante positiva. Cinco pessoas classificaram as legendas como ótimas (≅ 56%), três como boas (≅ 33%) e uma como ruins (≅ 11%). Essa avaliação positiva cai um pouco no caso dos ensurdecidos. Três pessoas consideraram as legendas ótimas (≅ 43%), três as classificaram como boas (≅ 43%) e uma como ruins (≅ 14%).



Gráficos 5 e 6. Avaliação das legendas feita pelo Grupo TrAce.
Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, os voluntários foram solicitados a responder duas questões abertas sobre o que gostaram ou não gostaram nas legendas, justificando suas respostas.[18] Os surdos que justificaram suas respostas mencionaram ter gostado de aspectos como o visual, a inteligibilidade e o uso de onomatopeias, como nos mostram as respostas de I12, I13, I20 e I24, respectivamente: (a) "Amei. Cor perfeita e também o contraste (plano de fundo preto[19] e legenda cor azul). Maravilha. Bom visual. Assim, tem uma boa leitura. Você consegue ler a legenda toda e até ver as imagens."; (b) "Bom visual."; (c) "Gostei. Boa legenda. Dá para entender bem."; e (d) "As onomatopeias ajudaram a entender as ações e acontecimentos no vídeo.".

Já com relação àquilo que não gostaram, suas justificativas se centraram nos aspectos visuais e na velocidade. As respostas de I8, I12, I23 e I24, por exemplo, foram as seguintes: (a) "Legenda embaçada, ruim para ler. Cores diferentes, azul e branco. Seria melhor a frase na cor amarela e fundo na cor preta todo no padrão. Não precisava mudar as cores. Meu tipo de perfil também não combina com música, pois não entendo a significação de músicas."; (b) "Me preocupa se uma pessoa surdocega consegue ler a cor azul.[20] Minha sugestão, se puder, é perguntar a pessoas surdocegas."; (c) "O tamanho da letra e a velocidade."; e (d) "A falta de opção de poder aumentar o tamanho da legenda, e a velocidade da legenda estava muito rápida, impedindo um entendimento completo.".

A análise das respostas desses informantes chama novamente a atenção para o peso dos aspectos visuais de uma legenda (cor, contraste, tamanho da fonte, possibilidade de alteração desse tamanho, etc.). Por serem usuários de uma língua gestual-visual, a visualidade tem naturalmente grande destaque no universo surdo. Essa característica pode ter sido reforçada pela média de idade mais alta dos voluntários, o que pode ter levado às críticas com relação ao tamanho da letra por parte de dois dos informantes. Além disso, a decisão de usar a cor

18 Um dos integrantes surdos não respondeu a nenhuma pergunta aberta. Novamente pontuamos o quão importante teria sido que o questionário contasse com uma versão em Libras e que as respostas pudessem ter sido sinalizadas. O fato de os informantes serem usuários de LSE e terem um bom nível de leitura em português não garantia que tivessem a proficiência necessária ou se sentissem confortáveis o suficiente para escrever nessa língua.

19 Gostaríamos de esclarecer que o fundo preto não foi uma escolha da equipe executora, mas uma característica do próprio material, que continha faixas pretas tanto na parte superior como inferior da tela. A equipe foi responsável apenas por escolher cores que contrastassem com esse fundo.

20 Pessoas surdocegas podem utilizar a LSE a depender de seu grau de acuidade visual. Algumas podem ter dificuldade de enxergar certas cores ou combinações de cores.

CC BY

azul ciano como artifício para dar destaque aos efeitos legendados, apesar de ter agradado a alguns, também foi causa de incômodo para outros.

Os voluntários I23 e I24 também mencionaram dificuldade com relação à velocidade das legendas. Contudo, é importante pontuar que, das 144 legendas do curta, 80% tinham velocidade inferior a 14-15 CPS, 8% tinham velocidade de 14-15 CPS e 11% tinham velocidade de até 18 CPS.[21] Estudos recentes têm apontado que legendas mais rápidas, quando bem segmentadas, talvez sejam as mais adequadas ao público surdo, pois o processamento de legendas mais lentas, mesmo bem segmentadas, é mais custoso e tem tempo de processamento semelhante ao de legendas rápidas mal segmentadas (VIEIRA; ASSIS; ARAÚJO, 2020). Teria sido essa a causa do incômodo? Ou nossos informantes estariam, de fato, se referindo apenas aos trechos nos quais a canção assume uma velocidade mais frenética com legendas com CPS mais alto? O perfil da audiência, tanto sua fluência com relação ao português oral quanto sua familiaridade com o próprio uso de legendas, poderia estar influenciando essas respostas? Os informantes I23 e I24 relataram usar legendas LSE apenas "de vez em quando". Além disso, um deles tinha um grau de escolaridade mais baixo, com apenas o ensino fundamental completo, enquanto o outro classificou sua leitura em português como "regular". Como não tivemos a oportunidade de aplicar o questionário presencialmente e discutir as respostas com os voluntários, não temos como responder essas questões.

Com relação à tradução dos efeitos sonoros, foco principal da pesquisa, é relevante pontuar que não houve críticas à utilização das onomatopeias, sendo seu uso um dos destaques positivos apontados de forma espontânea por alguns voluntários.

A explicação dada pelo único informante que classificou as legendas como ruins (I8) também traz reflexões acerca do uso de TICs para testes de recepção. Pela justificativa usada, percebe-se que as legendas não ficaram tão visíveis para essa pessoa. No entanto, como outros informantes apontaram exatamente o contrário, acreditamos que a resolução escolhida para assistir ao vídeo, a conexão da Internet ou até mesmo a mídia usada (desktop, celular, etc.) podem ter afetado a experiência desse informante. Além disso, sua resposta reforça a heterogeneidade existente mesmo entre os integrantes do grupo dos surdos. Há pessoas que apreciam a legendagem de músicas, assim como há aquelas que não a consideram relevante. Como o material legendado se constituía basicamente numa paródia da cantiga *A Velha A Fiar* acrescida de efeitos sonoros, é natural que alguém com o perfil de I8 tenha críticas ao material.

As justificativas dadas pelos ensurdecidos para o que lhes agradaram nas legendas se centraram na forma como os efeitos sonoros foram legendados. As respostas de I1, I5, I15 e I18, por exemplo, foram as seguintes: (a) "A legenda de sons."; (b) "Descrevem bem os barulhos."; (c) "Gostei de tudo! Sou surdo e consultor de LSE e essa legenda foi a melhor que já analisei!"; e (d) "Bem descritivas para quem realmente não consegue compreender os sons.". A resposta de I14 foi particularmente elucidativa: "Gostei do fato de explicitar os tipos de sons (voz masculina, solo de baixo elétrico, árvore tombando, rabiscos no papel). Tudo isso deixa o vídeo rico e contextualiza a mensagem, principalmente no início com a indicação de [motosserra]. Sem os aparelhos, a presença dessa indicação complementou a mensagem visual. Na primeira vez que assisti com os aparelhos, achei que a indicação de [música acelera] fosse desnecessária, mas ao assistir sem os aparelhos, entendi a importância. A velocidade da legenda pode deixar alguns usuários desnorteados, principalmente aqueles que não dominam português e/ou assistem o vídeo pela primeira vez. Gostei da indicação de eletrocardiograma também, no mesmo ritmo que o som.".

Dos sete informantes ensurdecidos, apenas quatro responderam a questão sobre o que não gostaram nas legendas e fizeram os seguintes comentários: (a) "Não teve nada de que não gostei." (I1); (b) "Só teve dois erros: [Música para] e [Música continua]. São redundantes. Há norma que diz que, quando termina a música, coloca-se duas colcheias ♪♪, conforme o inciso "b" do item 4.2.6 da norma 15.290. Para quando a música continuar, apenas coloque ♪, conforme o inciso "d" do item 4.1.8 da norma anterior." (I15); (c) "Assisti o vídeo duas vezes, uma com os aparelhos e uma sem os aparelhos. Me pergunto se as onomatopeias de comer e beber são necessárias, pois a imagem já ilustra isso e o som em si não é algo diferente, específico. Quando assisti sem os aparelhos, teve um momento (entre 2:50 a 3:10) que a quantidade de onomatopeias me atrapalhou. Fiquei lendo elas em vez de assistir ao vídeo, ao que estava acontecendo. Como o momento em que o personagem cheira a si mesmo. Além disso, por causa da quantidade de onomatopeias, eu alternava meus olhos entre a legenda e a imagem tantas vezes

21 Infelizmente, para respeitar a sincronia e devido ao aumento no ritmo da canção, duas das 144 legendas (≅1%) superaram os 18 CPS, tendo 19 e 20 CPS.

CC BY

que isso me cansou. Penso que se a pessoa puder rever a mídia, isso não será um problema muito grande porque ela pode voltar para a parte que deixou passar. Mas se fosse em um filme, em um cinema, que não é possível retornar?" (I14); e (d) "Muito repetitiva, e algo sem conteúdo." (I22).

Ao analisar as respostas desses informantes e contrastá-las com aquelas dos participantes surdos, o primeiro dado que nos salta aos olhos é o fato de não haver qualquer menção aos aspectos visuais das legendas, quer com relação ao uso de uma cor diferente, quer com relação ao tamanho das letras. Os comentários desses voluntários se restringiram à maneira pela qual os sons foram traduzidos, geralmente com falas muito positivas.

As críticas se centraram na velocidade e na quantidade de legendas. Entretanto, diferentemente dos voluntários surdos, um trecho específico do curta foi citado. Nesse caso, o problema parece estar mais ligado à quantidade de onomatopeias usadas. A fala de I14 aponta para a necessidade de uma depuração ainda maior com relação a que sons legendar para uma leitura mais confortável, omitindo aqueles muito óbvios, facilmente depreendidos pela imagem, ou que não acrescentem tanto à narrativa, como aconselhado por Nascimento (2018).

As falas de I22, único informante entre os ensurdecidos a classificar as legendas como ruins, podem ser interpretadas de modo semelhante. No entanto, seu desagrado parece estar mais associado ao próprio conteúdo da animação do que à legendagem em si. O curta, como explicado anteriormente, é uma paródia da cantiga *A Velha a Fiar*, cuja letra se repete várias vezes, com o acréscimo de apenas um ou outro elemento novo a cada repetição. Por fim, a fala de I15, que é consultor, parece apontar para o fato de que ele está mais familiarizado com o *closed caption* para TV, uma vez que o mesmo cita a ABNT 15.290. No entanto, esses parâmetros não são aqueles preconizados para a LSE de um modo geral.

Da análise das respostas dadas na terceira seção do questionário, tanto por surdos quanto por ensurdecidos, nos parece relevante pontuar a menção às onomatopeias, foco da pesquisa. Os comentários foram feitos de maneira espontânea, sem que houvesse qualquer direcionamento nesse sentido nas perguntas propostas, e tiveram um teor bastante positivo.

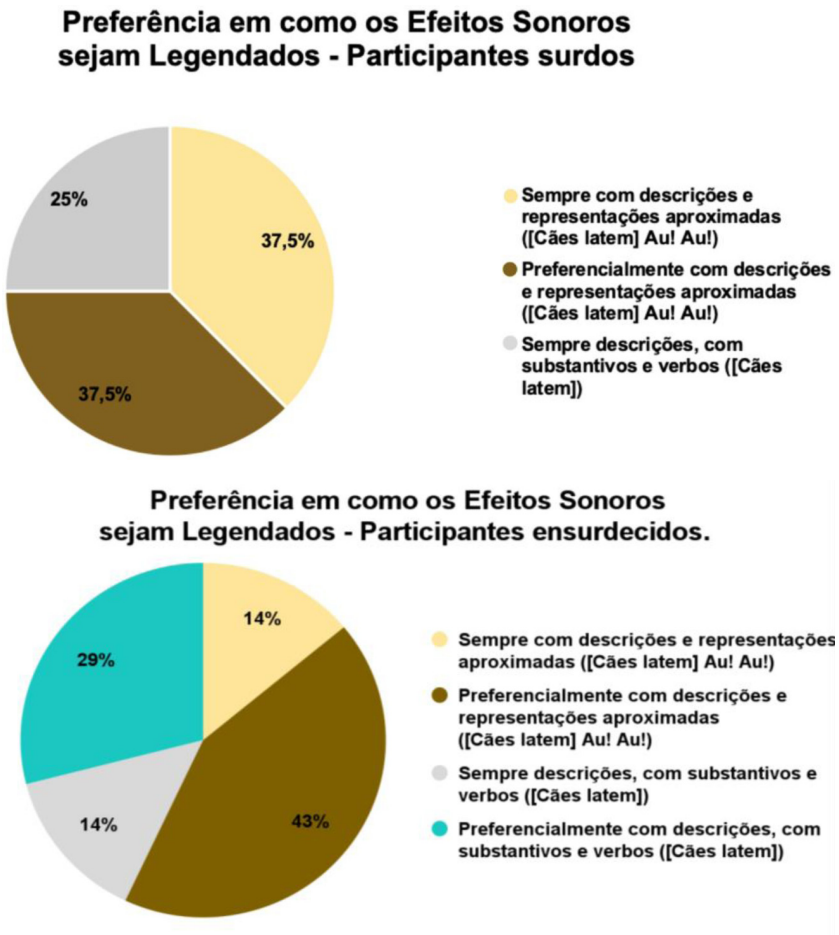
Finda a discussão da legendagem do curta em si, relatamos, a seguir, as respostas da última seção do questionário, na qual se chamava a atenção para a legendagem de efeitos sonoros de um modo geral.

2.3 A Preferência do Público-alvo Quanto à Legendagem de Efeitos Sonoros

A última seção do questionário procurava descobrir a preferência do público-alvo quanto ao uso de descrições ou onomatopeias, bem como o melhor modo de assinalar a presença de uma música numa produção audiovisual qualquer, ou seja, as perguntas não se referiam exclusivamente às legendas de *A Terra a Gastar*.

Na primeira questão de múltipla escolha, tanto surdos quanto ensurdecidos mostraram preferência pela associação de onomatopeias a descrições ([Cães latem] Au! Au!) como forma de legendar efeitos sonoros. No caso dos surdos, 37,5% dos informantes responderam que as associações sempre deveriam ser usadas, outros 37,5% disseram que esse deveria ser o modo preferencialmente adotado, e os últimos 25% preferiram o uso exclusivo das descrições. No caso dos ensurdecidos, cerca de 43% escolheram o uso preferencial das associações; aproximadamente 29%, o uso preferencial das descrições; por volta de 14%, o uso exclusivo de associações; e em torno de 14%, o uso exclusivo de descrições. Nenhum dos grupos escolheu a opção do uso exclusivo de onomatopeias.

CC BY



Gráficos 7 e 8. Preferência de como os efeitos sonoros sejam legendados.
Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os surdos, aqueles que justificaram suas respostas geralmente foram favoráveis às associações e deram argumentos como: (a) "Seria melhor colocar o tipo de som, por exemplo: [água do chuveiro batendo no chão] o que fala..., [cachorro cavando no sofá] o que escuta, o barulho de cavar..." (I8); ou (b) "Para saber as informações completas." (I12). Contudo, houve aqueles que preferiram as descrições, como I7: "É mais visual [cães]". Já entre os ensurdecidos, a preferência por associações foi justificada do seguinte modo: (a) "Para identificar o barulho e saber o que é." (I5); (b) "É mais educativo para pessoas surdas, pois não sabem como os sons saem exatamente!" (I15); ou (c) "Porque se a pessoa nunca ouviu o cão latir, não vai saber como é. E, sendo o cão latiu Au! Au!, está dizendo como o cão late." (I22). Ainda assim, alguns senões foram apontados: por I14: "As legendas com descrições e representações aproximadas deixam a mídia mais contextualizada. Mas, em alguns momentos, pode ser complicado ler e voltar para a imagem a tempo.". As respostas dos ensurdecidos que preferiram o uso das descrições enfatizam justamente essas possíveis dificuldades de leitura trazidas pelas associações: (a) "Para não ficar tão poluído tendo os dois." (I1); ou "Talvez algumas escritas de sons não sejam as mesmas para todos." (I18).

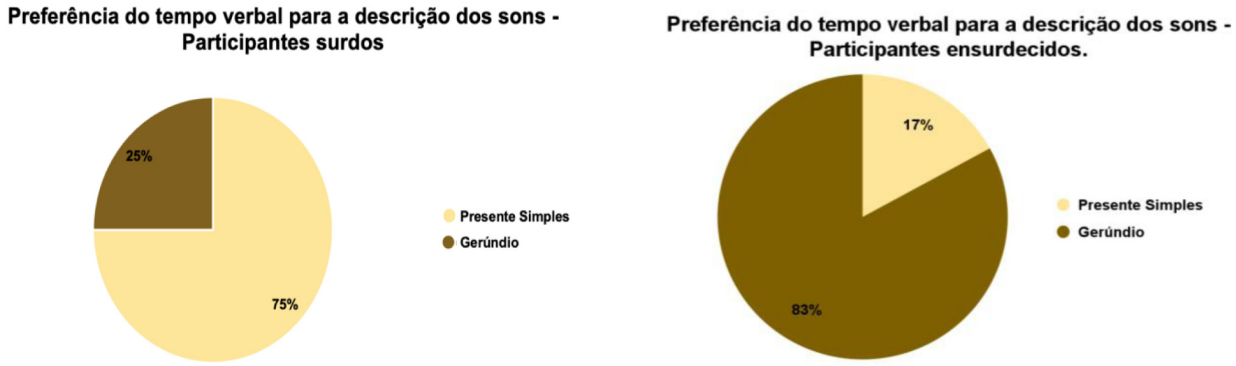
Quando questionados acerca de se haveria alguma situação na qual o uso de onomatopeias seria mais apropriado, os surdos deram respostas como: (a) "Sim. Em cenas em que se precisar ter uma ênfase" (I23); ou (b) "Sim. Para dar destaque." (I24). Já os ensurdecidos disseram: (a) "Filmes e séries." (I1); (b) "Acredito que a representação aproximada dos sons torne a experiência menos impessoal e mais lúdica. Sinto mais aproximação com a produção quando tem a representação." (I14); (c) "Para produções infantis e comédias como revistinhas de desenho animado." (I15); ou (d) "Acredito que para animais que temos mais contato (cães, gatos, galinha) seja ok usar as onomatopeias. Por outro lado, se pensamos em outros animais que não são tão comuns no nosso convívio, a gente não saiba qual é o som que ele emite." (I18).

Da análise desse grupo de respostas, depreendemos que, tanto para os informantes surdos quanto para os ensurdecidos, a associação de descrições e onomatopeias é altamente positiva. Caso não seja possível o emprego de ambas as estratégias, para que a "poluição" visual diminua e o processamento seja facilitado, recomenda-

se apenas a descrição do som. O uso isolado de onomatopeias, sem o acompanhamento de descrições, não foi aconselhado por nenhum dos grupos.

As onomatopeias parecem propiciar maior imersão e trazer ênfase, sendo especialmente indicadas em material ficcional, de humor ou para o público infantil, por exemplo. Elas também parecem cumprir uma função educacional, aproximando surdos e ensurdecidos da cultura ouvinte e ampliando seu repertório vocabular. No entanto, os informantes recomendam o uso de onomatopeias mais conhecidas e sinalizam a necessidade de padronização na grafia.

A próxima questão de múltipla escolha procurava checar que forma verbal deveria ser usada nas descrições de sons, se o presente [Cães latem] ou o gerúndio [Cães latindo]. Nesse caso, houve bastante divergência entre surdos e ensurdecidos. Enquanto 75% dos surdos optaram pelo presente, com apenas 25% escolhendo o gerúndio, aproximadamente 83% dos ensurdecidos selecionaram o gerúndio, ou seja, apenas 17% optaram pelo presente.



Gráficos 9 e 10. Preferência do tempo verbal usado para descrição dos sons.
Fonte: Elaborado pela autora.

Ao serem questionados se haveria alguma situação na qual o uso do gerúndio seria mais indicado, relativamente poucos informantes se manifestaram. Entre os surdos, as respostas foram: (a) "Não lembro." (I8); (b) "Importante, simultânea. Omissão não é bom. Igualdade com o ouvinte." (I13); (c) "Não." (I17); (d) "Em situações bem distintas, para manter a tensão da cena ou enfatizar a ação." (I23); e (e) "Em casos especiais para ficar mais dramático e dar ênfase." (I24). Já entre os ensurdecidos, os comentários foram: (a) "Acho que em todas as situações." (I1); (b) "Existe regra para esses verbos: gerúndio é para quando o som está em continuação e o presente simples é para quando o som não for permanente. Ex.: a pessoa está 'tossindo' e uma pessoa 'tosse' apenas uma vez. Fonte: pesquise um artigo de Sean Zdenek." (I15); e (c) "Não vejo muita diferença em se tratando de traduzir o som." (I22).

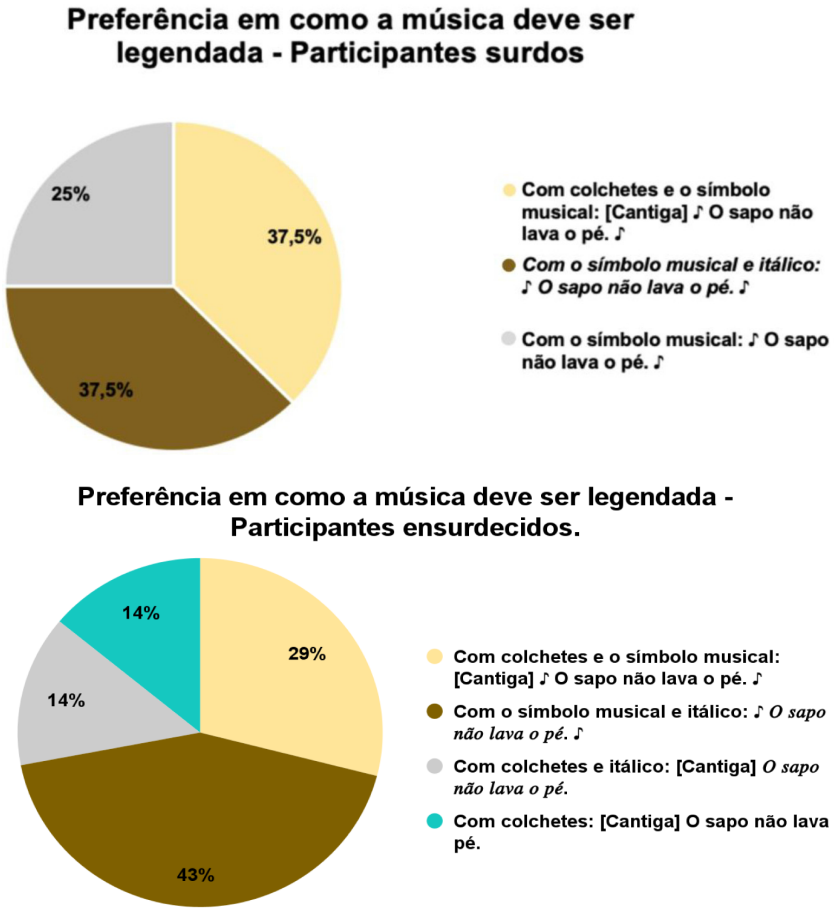
Ao analisar esse grupo de respostas, percebemos que alguns dos voluntários mostraram estar familiarizados com parâmetros técnicos da LSE, como comprovam as falas de I13 e I15. Para eles, o gerúndio deve ser usado apenas para marcar simultaneidade como, por exemplo, se alguém está chorando enquanto fala – [Chorando] Eu não! – ou para marcar sons que se repetem. Entre os surdos, a noção de que o uso do gerúndio é uma exceção que garante maior dramaticidade é bem mais forte que entre os ensurdecidos. Há ensurdecidos que chegaram a advogar apenas o uso do gerúndio. Essa preferência poderia ser explicada pelo fato de os falantes do português oral não empregarem o presente simples com tanta frequência no dia a dia? A divergência de escolhas quanto à forma verbal a ser empregada nas descrições é mais um exemplo de que existem especificidades que diferenciam surdos e ensurdecidos com relação à LSE.[22] Acreditamos que essas questões precisam ser melhor investigadas e discutidas, especialmente se a oferta de TALS no Brasil for elevada; o que pode gerar uma alteração na proporção de surdos e ensurdecidos entre os usuários de LSE no país.

A última questão da quarta seção do questionário focava no uso de colchetes, itálico e/ou símbolo musical para a legendagem de uma música. No caso dos surdos, 37,5% escolheram a associação do símbolo musical com

22 A parcela do público que tem resíduo auditivo ou consegue fazer leitura labial muitas vezes demonstra preferência por legendas *verbatim*, pois assim teria acesso ao mesmo texto dos ouvintes (NEVES, 2005). Por isso, autores como Zárate (2014) apontam a omissão como uma estratégia mais eficaz que a reformulação, já que garantiria redução de caracteres e também seria menos intrusiva para essas pessoas.

CC BY

os colchetes para legendar músicas ([Cantiga] ♪ O sapo não lava o pé.♪); outros 37,5% optaram pela associação do símbolo musical com o itálico (♪ *O sapo não lava o pé*.♪); e 25% selecionaram apenas o símbolo musical (♪ O sapo não lava o pé. ♪). Já entre os ensurdecidos, aproximadamente 43% escolheram a associação do símbolo musical com o itálico (♪ *O sapo não lava o pé*.♪); 29% optaram pelo uso do símbolo musical com os colchetes ([Cantiga] ♪ O sapo não lava o pé.♪); 14% selecionaram o itálico com os colchetes ([Cantiga] *O sapo não lava o pé*.); e os últimos 14% preferiram o uso exclusivo do colchete ([Cantiga] O sapo não lava o pé.).



Gráficos 11 e 12. Preferência de como a música deve ser legendada.
Fonte: Elaborado pela autora.

Da análise dessas respostas, percebemos que, mais que a usual recomendação do uso de itálico nas letras das canções, a presença da colcheia parece ser fundamental para a legendagem de músicas. Os surdos sinalizaram preferência pelo símbolo musical isolado ou acompanhado por colchetes ou itálico. Os ensurdecidos, por outro lado, também apontaram preferência pelo símbolo musical, mas nunca isolado. Quando comparamos esse resultado com o estudo de recepção pioneiro sobre *closed caption* no Brasil (FRANCO; ARAÚJO, 2003), que desaconselhava o uso do símbolo musical pelo fato da audiência desconhecer o seu significado, percebemos o quanto a exposição contínua (na TV aberta, na Internet, etc.) pode contribuir para a assimilação de modelos antes rejeitados. O mesmo poderia ocorrer com relação ao uso de cores nas legendas ou o posicionamento das legendas junto aos falantes para a identificação de personagens, por exemplo? Essas estratégias facilitam o trabalho dos legendistas. Novos testes de recepção poderiam ser utilizados para investigar essas questões em nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, relatamos os resultados de um estudo de recepção. Nossa pesquisa apontou a validade da associação de onomatopeias a descrições, especialmente em materiais de ficção, de comédia ou para crianças, com

vistas a uma maior dramaticidade e envolvimento da audiência, refutando o receio inicial de rejeição pelo público devido ao fato de as onomatopeias serem criadas a partir de convenções fonético-fonológicas. Os participantes do estudo, pelo contrário, ressaltaram a importância educacional do recurso para a ampliação de vocabulário e conhecimento da cultura ouvinte.

Com relação às músicas, nossos informantes enfatizaram a necessidade da presença do símbolo musical, contradizendo pesquisa de recepção mais antiga e sinalizando que outras estratégias de legendagem anteriormente rejeitadas pelo público brasileiro (uso de cores ou do posicionamento das legendas junto aos falantes para a identificação dos personagens, por exemplo) mereceriam investigação.

Por fim, a divergência de preferência entre surdos e ensurdecidos com relação ao uso do presente simples ou do gerúndio para a descrição dos sons chamou a atenção para as especificidades desses dois perfis de usuários da LSE. Apesar da oferta de TALS ser ainda escassa no Brasil, a tendência é de que ela aumente; o que pode levar a uma mudança significativa na proporção de surdos e ensurdecidos que compõem o público-alvo da LSE. Como discutido anteriormente, em geral, surdos preferem a TALS, enquanto ensurdecidos preferem a LSE. Estudos que procurem entender as preferências e necessidades de cada um desses usuários quanto ao seu recurso de acessibilidade favorito podem, portanto, trazer contribuições interessantes. Esperamos que este artigo sirva como estímulo para esses e outros estudos, bem como possa contribuir para a causa da acessibilidade e inclusão no Brasil.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara não ter filiação ou envolvimento com instituições que possam ter interesses financeiros ou não financeiros com o assunto discutido no artigo.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

O vídeo original do curta-metragem *A Terra a Gastar* está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=FO4Zc0nAKRw&t=19s. Os questionários com as respostas dos informantes não estão disponíveis ao público, uma vez que este material contém informações que podem vir a comprometer a privacidade e a segurança dos participantes na investigação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera Lúcia S.; ASSIS, Ítalo A. P. (2016). A tradução de música e ruídos na Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) do filme "O Palhaço". *Letras & Letras*, v. 32, n. 1, p. 369-386.

BUTTENBENDER, Joice. (2018). *Tradução de sons e efeitos sonoros na LSE: uma análise de legendas bilíngues baseada em Corpus*. Monografia de Especialização em Tradução Audiovisual Acessível / Legendagem para Surdos e Ensurdecidos. Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Mauriti.

FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO, Vera Lúcia S. (2003). Reading Television - Checking Deaf People's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil. *The translator,* v. 9, n. 2, p. 249-267.

GREGORIM, Lohana A. (2018). *Legenda para Surdos e Ensurdecidos: análise comparativa entre parâmetros do Brasil e da Espanha*. Monografia de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação. Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

KULPA, Cínthia C. (2009). *A contribuição de um modelo de cores na usabilidade das interfaces computacionais para usuários de baixa visão*. Dissertação de Mestrado em Design. Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NASCIMENTO, Ana Katarinna P. (2013). *Linguística de corpus e legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE): uma análise baseada em corpus da tradução de efeitos sonoros na legendagem de filmes brasileiros em DVD*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

CC BY

NASCIMENTO, Ana Katarinna P. (2015). Análise da Legenda de efeitos sonoros do filme "Nosso Lar". *TradTerm*, v. 26, p. 377-396.

NASCIMENTO, Ana Katarinna P. (2016a). Análise da Tradução dos efeitos sonoros do filme Uma Vela para Dario. *Magistro*, v. 2, p. 107-125.

NASCIMENTO, Ana Katarinna P. (2016b). As onomatopeias da legendagem para surdos e ensurdecidos do filme Astérix et Obélix: Mission Cléopatre. *Revista de Estudos Universitários*, v. 42, p.69-94.

NASCIMENTO, Ana Katarinna P. (2017). Traduzindo sons em palavras nas legendas para surdos e ensurdecidos: uma abordagem com linguística de corpus. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, p. 562.

NASCIMENTO, Ana Katarinna P. (2018). *Convencionalidade nas legendas de efeitos sonoros na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE)*. Tese de Doutorado em Tradução. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NASCIMENTO, Ana Katarinna P.; TAGNIN, Stella Esther O. (2014). A música e os ruídos na legendagem francesa para Surdos e Ensurdecidos. *Letras & Letras*, v. 30, n. 2, p.244-260.

NAVES, Sylvia B.; MAUCH, Carla; ALVES, Soraya F.; ARAÚJO, Vera Lúcia S. (2016). *Guia para produções audiovisuais acessíveis*. Brasília: Ministério da Cultura / Secretaria do Audiovisual.

NEVES, Josélia. (2005). *Audiovisual Translation: Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing*. Tese de Doutorado em Tradução. Escola de Artes, Universidade de Surrey, Guildford.

NEVES, Josélia. (2010). Music to my Eyes...Conveying music in subtitling for the deaf and hard of hearing. In: BOGUCKI, Lukasz, KREDENS, Krzysztof. (org.). *Perspectives in Audiovisual Translation. Lódz Studies in Language*. Frankfurt: Peter Lang, v. 20, p. 123-145.

OLIVEIRA, Leila A.de. (2018). *Efeitos sonoros e legendagem para surdos e ensurdecidos: análise e proposta de tradução do filme Nise, o coração da loucura*. Monografia de Especialização em Tradução Audiovisual Acessível / Legendagem para Surdos e Ensurdecidos. Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Mauriti.

OLIVEIRA, Samuel L. S. de. (2022). *A influência da tradução dos efeitos sonoros durante a recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) por espectadores surdos em um filme de ação*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

PERSCH, Felipe de S. (2022). *A legenda para surdos e ensurdecidos no filme O Som do Silêncio: uma proposta comentada*. Monografia de Bacharelado em Tradução. Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

SAMPIERI, Gabriela C. B. (2018). *O Universo Sonoro de Desejo e Reparação: o processo de legendagem para surdos e ensurdecidos*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

SZARKOWSKA, Agnieszka. (2020). Subtitling for the deaf and the hard of hearing. In: Bogucki, Lukasz; Deckert, Mikotaj. (org.), *The Palgrave Handbook of Audiovisual Translation and Media Accessibility*. Switzerland: Palgrave Macmillian, p. 249-268.

TSAOUSI, Aikaterini. (2015). Making sound accessible: the labelling of sound effects in subtitling for the d/Deaf and hard-of-hearing. *Hermeneus. Revista de Traducción e Interpretación*, v. 17, p. 233-252.

TSAOUSI, Aikaterini. (2016). Efecto de la modalidade de representación de los efectos sonoros en las preferencias de espectadores con diversidad auditiva. *Come. Studi di Comunicazione e Mediazione linguística e culturale*, v. 1, p. 60-74.

TSAOUSI, Aikaterini. (2018). El disfrute de la experiência audiovisual por personas sordas y com diversidade auditiva: la representación visual de los efectos sonoros. *Anuario Electrónico de Estudios em Comunicación Social "Disertaciones"*, v. 11, n.1, p. 110-126.

VIEIRA, Patrícia. A; ASSIS, Ítalo. A. P; ARAÚJO, Vera Lúcia. S. (2020). Tradução audiovisual: estudos sobre a leitura de legendas para surdos e ensurdecidos. *Cadernos de Tradução*, v. 40, nº esp. 2, p. 97-124.

W3C BRASIL. (2024). Diretrizes de acessibilidade para conteúdo web (WCAG) 2.2. Disponível em: https://www.w3c.br/traducoes/wcag/wcag22-pt-BR/ Acesso em: 18 ago. 2024.

ZÁRATE, Soledad. (2014) *Subtitling for deaf children: Grating accessibility to audiovisual programmes in an educational way*. Tese de Doutorado em Tradução. Centro de Estudos de Tradução, University College London, Londres.

Recebido: 10/8/2023
Aceito: 7/9/2024
Publicado: 7/10/2024